

Saudando Virgílio Maia

Artur Eduardo Benevides

Acadêmico Virgílio Maia:

com a certeza de que vos elegendo para a Academia cometemos um ato de lúdima justiça, pelo alto merecimento intelectual que possuis, aqui me tendes para vos saudar em nome de todos os Colegas, com a iniludível convicção de que a nossa Casa se enriqueceu com a vossa presença.

Sois, em verdade, um admirável poeta, a trabalhar, diuturnamente, com o luar das palavras, na criação de uma mensagem que terá permanência pela beleza do conteúdo e segurança da forma, o que vos credencia ao nosso respeito e admiração como uma das figuras de maior expressão da Poesia Cearense contemporânea.

Disse Picasso: artistas há que transformam o sol numa pequena mancha amarela, mas outros, não muitos, transformam essa mancha amarela num sol. É o vosso caso, em relação à Poesia, gênero que dignificais com o vosso talento e cuja ascensão literária acompanho com o maior interesse.

Realmente, ao contrário do que foi dito nos primórdios do século passado, a Poesia não morreu, sendo, no ser humano, uma luz a clarear as horas, algo que muito me alegra, pois a escolhi, desde cedo, para ser o instrumento de minha cosmovisão e de meus sentimentos, assim como também o fizestes.

No mundo em que vivemos, *in hoc lacrimarum valle*, que seria de nós sem o consolo da beleza que as metáforas criam e constituem o encanto de nossas vigílias? Como poderíamos viver sem o sonho, o amor e a incessante busca do que é belo, a fim de os ofertarmos aos seres humanos, qual se fôra uma côdea do pão do espírito? Como se lê no *Livro dos Mortos*, dos egípcios, um dia, diante de Osiris, a nossa alma – sombra poderá acusar-nos pelo que fizemos de errado na Terra, o que também se lê em Luciano, na Roma antiga.

Os poetas, quanto a isso, estarão salvos, pois não fugiram ao seu destino de cantar a vida e louvar o amor, falando com a leveza e o mistério que a Poesia conduz em seu luminoso púcaro.

Fazer do poético uma razão de existir, ou uma forma superior de linguagem, tem sido, meu ilustre Poeta, a vossa inarredável missão, até agora. E nós vos lemos e nos sentimos felizes com a magia do vosso verbo e a autenticidade

dade de vossa Poesia, que tanto vos eleva sem que talvez o percebais, pois o que importa ao criador é a criação. E em nós a mensagem poética é muito mais do que uma simples arte literária.

Para T. S. Eliot existem pelo menos 360 maneiras de se fazer um poema. Não duvido da assertiva do eminente mestre, mas o fazer é menor do que o criar. O que importa, acima de tudo, é a mensagem em si, que deve ser despida dos adornos retóricos que Hoelderlin condenou, segundo o depoimento de Heidegger. E não é possível aceitar o que está em Lukács: “o nosso mundo já não cabe na poesia”. Deus meu?! E onde o colocaremos? Como diz o nosso Gerardo de Mello Mourão, “qualquer tempo que haja cortado o cordão do umbigo com o mito e a eternidade é um tempo indigente”. Afinal, os poetas restauram sua grandeza interior com o mais leve de todos os instrumentos: o verso.

E é isso o que fazéis, dr. Virgílio Maia, que há muito deveríeis estar conosco, comungando dos mesmos ideais que teimamos em sustentar, a fim de que não cresça só o mal no espírito do homem. Se erguermos o olhar, sobretudo o olhar de nossa alma, sentiremos que o mundo nos espera, em meio às asperezas, injustiças e maldades. E uma palavra bela pode fazer o ser humano esquecer os gritos e clamores de quem, inexplicavelmente, cresce descendo, como o pobre ser dos nossos dias.

Não nos acusem, porém, de absenteísmo, ou desinteresse pelas cousas do mundo. Nós também participamos do espetáculo social, cheio de equívocos e lamentações. E procuramos mostrar, em nossos versos, o de que necessitamos para encontrar, não o Paraíso Perdido, mas uma vida de paz, fraternidade e amor. Somente a nossa linguagem é diferente, mas o canto dos pássaros também não é igual em todos eles. Mesmo assim, é belo. E a procura da beleza, nos poemas, é o nosso *desideratum*.

O que ficou da gloriosa Grécia foram os mitos, os poemas, a visão filosófica e as artes, em geral. Enquanto Roma dominava terras que depois perderia, os gregos construíram no espírito através do poder inigualável da cultura.

Muito tempo passou, mas continuamos com os sonhos que eles sonharam e as dores que os afligiram. Afinal de contas, como seria um país sem Literatura? E foi para cultivá-la que, há cento e dez anos, nasceu a Academia Cearense de Letras, a primeira a surgir no Brasil e que hoje, prazerosa, vos recebe, em tributo ao vosso grande valor.

Caro e nobre Colega Virgílio Maia:

Lembra-me o que certa vez me disse o meu inesquecível mestre Au-

gusto Frederico Schmidt: “fazer poesia nos dá paz e leveza de espírito”. E sem que o soubésseis, seguistes esse conselho, aí estando os vossos belos livros, que tanto prestigiam a Poesia, no Ceará, e nos dão a altitude do Poeta que sóis: autêntico no verbo e inspirado nas mensagens.

Por fazerdes uma literatura assim, lídima e bela, eu vos saúdo em nome de todos os Acadêmicos, lembrando, com profunda emoção, aquela que ocupava a cadeira que agora é vossa e que partiu para o país eterno da saudade – Natércia Campos, cuja ausência dói em todos nós.

A Casa de Thomaz Pompeu, neste vetusto e glorioso Palácio da Luz, agora também é vossa. E repartireis conosco o pão do vosso espírito e o vinho da beleza de tudo o que criais.

Nós vos abençoamos e desejamos, de coração, que sejais muito feliz em nossa companhia, sabendo, como sabeis, que a Academia é uma das mais sérias e operosas instituições do Brasil, prestando cooperação permanente a nada menos de dez entidades cearenses que também lutam pelo progresso cultural do Ceará.

Deus ilumine cada vez mais os caminhos de vossa vida e as esperanças de vossa alma.

A glória vos espera.

Sêde bem-vindo!